



Galileo Galilei
(1564-1642)

Retrato de Justus Susterman
in Galleria degli Uffizi, Florença

Astrónomo, filósofo, matemático e físico, intimamente relacionado com a revolução científica. Homem maior do Renascimento, interessou-se por quase todas as ciências e artes (música, literatura, pintura). Foi responsável pelo melhoramento prático do telescópio, pela realização de numerosas observações astronómicas, pela primeira lei do movimento e por um apoio determinante da teoria de Copérnico. Foi considerado o "pai da astronomia moderna" e o "pai da física moderna".

O seu trabalho constitui uma extraordinária rotura com as estabelecidas ideias aristotélicas, sendo o seu confronto com a Igreja Católica o melhor exemplo do conflito entre a autoridade e a liberdade de pensamento na sociedade ocidental.

Poema para Galileo

António Gedeão (1906-1997)

Estou olhando o teu retrato, meu velho pisano,
aquele teu retrato que toda a gente conhece,
em que a tua bela cabeça desabrocha e floresce
sobre um modesto cabeção de pano.

Aquele retrato da Galeria dos Offícios da tua velha Florença.
(Não, não, Galileo! Eu não disse Santo Ofício.
Disse Galeria dos Offícios.)
Aquele retrato da Galeria dos Offícios da requintada
Florença.

Lembras-te? A Ponte Vecchio, a Loggia, a Piazza della
Signoria...
Eu sei... eu sei...
As margens doces do Arno às horas pardas da melancolia.
Ai que saudade, Galileo Galilei!

Olha. Sabes? Lá em Florença está guardado um dedo da
tua mão direita num relicário.
Palavra de honra que está
As voltas que o mundo dá
Se calhar até há gente que pensa que entraste no
calendário.

Eu queria agradecer-te, Galileo,
a inteligência das coisas que me deste.
Eu, e quantos milhões de homens como eu
a quem tu esclareceste,
ia jurar - que disparate, Galileo! -
e jurava a pés juntos
e apostava a cabeça sem a menor hesitação - que os corpos
caem tanto mais depressa quanto mais pesados são.

Pois não é evidente, Galileo?
Quem acredita que um penedo caia
com a mesma rapidez que um botão de camisa ou que um
seixo da praia?

Esta era a inteligência que Deus nos deu.
Estava agora a lembrar-me, Galileo,
daquela cena em que tu estavas sentado num escabelo
e tinhas à tua frente
um friso de homens doutos, hirtos, de toga e de capelo
a olharem-te severamente.

Estavam todos a ralhar contigo,
que parecia impossível que um homem da tua idade
e da tua condição,
se tivesse tornado num perigo
para a Humanidade
e para a Civilização.

Tu, embaraçado e comprometido,
em silêncio mordiscavas os lábios,
e percorrias, cheio de piedade,
os rostos impenetráveis daquela fila de sábios.

Teus olhos habituados à observação dos satélites e das
estrelas, desceram lá das suas alturas
e poisaram, como aves aturdidas
- parece-me que estou a vê-las -,
nas faces grávidas daquelas reverendíssimas criaturas.

E tu foste dizendo a tudo que sim,
que sim senhor,
que era tudo tal qual conforme suas eminências desejavam,
e dirias que o Sol era quadrado e a Lua pentagonal
e que os astros bailavam e entoavam
à meia-noite louvores à harmonia universal.

E juraste que nunca mais repetirias
nem a ti mesmo,
na própria intimidade do teu pensamento,
livre e calma,
aquelas abomináveis heresias
que ensinavas e descrevias
para eterna perdição da tua alma.

Ai Galileoi

Mal sabem os teus doutos juízes, grandes senhores deste
pequeno mundo que assim mesmo, empertigados nos seus
cadeirões de braços, andavam a correr e a rolar pelos
espaços
à razão de trinta quilómetros por segundo.
Tu é que sabias, Galileo Galilei.

Por isso eram teus olhos misericordiosos,
por isso era teu coração cheio de piedade,
piedade pelos homens que não precisam de sofrer, homens
ditosos a quem Deus dispensou de buscar a verdade.

Por isso, estoicamente, mansamente,
resististe a todas as torturas,
a todas as angústias,
a todos os contratemplos,
enquanto eles,
do alto inacessível das suas alturas,
foram caindo,
caindo,
caindo,
caindo sempre,
e sempre,
ininterruptamente,
na razão directa do quadrado dos tempos.